

Entre a margem e o gênero: o lugar do fotojornalismo no jornalismo brasileiro¹

Agda Aquino²
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este artigo analisa a consolidação do fotojornalismo como gênero jornalístico e suas implicações na formação profissional. A partir de revisão bibliográfica e análise de currículos universitários e produções da Intercom, observa-se a marginalização da linguagem fotográfica nas DCNs de Jornalismo e em projetos pedagógicos. O estudo destaca autores que reconhecem ou não o fotojornalismo como gênero e propõe sua valorização como linguagem crítica, informativa e estruturante, necessária à formação integral do jornalista.

Palavras-chave: Fotojornalismo; gêneros jornalísticos; formação em jornalismo; currículos; linguagem visual.

As discussões sobre o fotojornalismo como gênero jornalístico têm ganhado força diante do contexto contemporâneo de transformação nas práticas jornalísticas, onde a linguagem visual adquire cada vez mais protagonismo. Ainda que tais debates não estejam articulados de forma sistemática, existem diversas iniciativas que, ao longo do tempo, refletem a importância da fotografia no contexto jornalístico. Diante da necessidade de fortalecer os próprios processos e demarcar seu campo de atuação em virtude da diversidade de vozes que alcançam as comunicações em massa hoje, fortalecer conceitos e transparecer os métodos jornalísticos se fazem urgentes.

Paradoxalmente, essa linguagem segue marginalizada nas estruturas curriculares de diversos cursos de Jornalismo no Brasil (Aquino, 2021). As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2013 citam a fotografia apenas no anexo, como uma entre as linguagens jornalísticas a serem trabalhadas, mas não a reconhecem formalmente como gênero ou área obrigatória (BRASIL, 2013). Essa ausência de reconhecimento afeta diretamente a formação dos futuros jornalistas, levando algumas instituições a relegarem a fotografia a um papel optativo nos currículos, retirando sua obrigatoriedade. Trata-se de um indicativo preocupante das consequências da exclusão do fotojornalismo nas DCNs.

A falta de clareza do papel que a fotografia ocupa e ocupará na prática jornalística pode gerar currículos dissociados da linguagem visual e fotográfica, um contraste com as

¹ Trabalho apresentado no GP de Fotografia do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestra em Estudos da Mídia e doutora em Educação. Docente e pesquisadora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: agda.aquino@academico.ufpb.br.

demandas de um jornalismo cada vez mais imagético, em que a fotografia, o vídeo, a infografia e outras formas visuais são essenciais à narrativa e à mediação simbólica da realidade.

Este estudo tem natureza qualitativa, de caráter exploratório e analítico, fundamentado em revisão bibliográfica e documental. Utiliza-se o método de análise arqueológica do discurso (Foucault, 2008) como inspiração para examinar textos acadêmicos, livros teóricos e anais de eventos científicos, com o objetivo de mapear o estado da arte da discussão sobre o fotojornalismo enquanto gênero jornalístico.

A abordagem parte da sistematização das categorias de gênero jornalístico, segundo autores clássicos e contemporâneos, seguida de identificação de argumentos que reconhecem ou excluem o fotojornalismo desse campo. Além disso, foram analisadas propostas curriculares de cursos de Jornalismo no Brasil para observar a presença ou ausência de disciplinas obrigatórias relacionadas à fotografia e ao fotojornalismo. O *corpus* teórico foi selecionado com base na recorrência dos autores em produções acadêmicas da área de Comunicação, bem como pela relevância de suas contribuições para o debate sobre gêneros, linguagem e imagem no jornalismo.

Nossa hipótese é que a valorização da prática fotojornalística é também um caminho para reforçar a identidade e a legitimidade da profissão de jornalista em si, especialmente em tempos de questionamentos sobre sua formação e regulação. Reconhecer o fotojornalismo como gênero é também reconhecer suas funções discursiva, informativa e crítica. Este trabalho tem por objetivo realizar um panorama analítico sobre alguns dos principais autores que abordam os gêneros jornalísticos e discutir o lugar que o fotojornalismo ocupa nessas reflexões. Nesse sentido, é necessário retomar conceitos sobre o próprio fotojornalismo.

Fotojornalismo e sua compreensão ao longo do tempo

O conceito de fotojornalismo vem se modificando ao longo do tempo, mas seu entendimento como uma força para a mensagem jornalística nunca foi questionado. Inicialmente compreendido apenas como um suporte de ilustração do texto jornalístico, a fotografia passou a ser compreendida como uma linguagem informativa dotada de autonomia. Hoje, diversos autores compreendem como gênero jornalístico em si e já assumem esse lugar em seus textos, outros não nomeiam o fotojornalismo especificamente como gênero, mas apontam nessa direção. A seguir, trazemos um

panorama cronológico da concepção do fotojornalismo, uma linha do tempo do pensamento sobre o fotojornalismo enquanto linguagem ou gênero, ressaltando que não é nossa intenção abranger a totalidade dos conceitos sobre o assunto:

1. **Umberto Eco (1970):** Em *Apocalípticos e integrados*, Eco discute a recepção das mídias e os julgamentos sobre a cultura de massa, oferecendo uma visão crítica sobre os temores e encantamentos diante das novas tecnologias. Embora não trate especificamente do fotojornalismo, sua análise sustenta a necessidade de superar visões simplistas (apocalípticas ou integradas). O autor entra aqui por sua importância no pensamento que atravessa todo o fazer comunicacional mediado por tecnologias e que também pode ser aplicado à forma como se encara a fotografia jornalística, enquanto imagem tecnológica, no debate sobre gêneros.
2. **Vilém Flusser (1985):** Em *Filosofia da caixa preta*, Flusser descreve a fotografia como uma imagem técnica que rompe com o modelo tradicional das imagens manuais. Ele não define o fotojornalismo como gênero jornalístico, mas ao caracterizar a fotografia como linguagem codificada com aparato técnico e função comunicacional, oferece argumentos fundamentais para a sua compreensão como prática discursiva autônoma no jornalismo, com sua forte característica de vínculo com a realidade.
3. **Philippe Dubois (1993):** Em *O ato fotográfico*, Dubois não trata do fotojornalismo como gênero, mas propõe que toda fotografia é um ato de enunciação, o que implica intencionalidade, autoria e narrativa. Essa perspectiva sustenta uma compreensão discursiva da imagem, oferecendo suporte teórico para considerá-la estruturante o suficiente para ser reconhecida como gênero jornalístico.
4. **Boris Kossoy (2001)** – Em *Realidades e ficções na trama fotográfica* (2001), Kossoy não define o fotojornalismo como gênero jornalístico, mas destaca sua importância como documento histórico e expressão de realidade social. Ele compreende a fotografia jornalística como instrumento de memória coletiva e mediação do real, reforçando seu papel como linguagem autônoma e relevante na constituição do discurso jornalístico.
5. **Virginia de Almeida Fonseca (2002):** Em *O texto visual no jornalismo*, Fonseca defende abertamente que o fotojornalismo deve ser considerado um gênero jornalístico visual. Ela sustenta essa classificação ao demonstrar que a fotografia

jornalística possui intencionalidade comunicacional, estrutura narrativa e função informativa específicas, legitimando-se como uma forma própria de fazer jornalismo.

6. **Jorge Pedro Sousa (2002):** Sousa também advoga pelo reconhecimento do fotojornalismo como gênero jornalístico, enfatizando sua autonomia discursiva, sua função de narrativa visual e sua capacidade de informar por meio da imagem, apesar de questionada em diversos pontos sobre os usos e aplicações do jornalismo fotográfico, é uma das mais consistentes na compreensão do fotojornalismo como gênero jornalístico.
7. **Susan Sontag (2003):** Sontag, na obra *Diante da dor dos outros*, não conceitua o fotojornalismo como um gênero jornalístico formal, mas o analisa criticamente como prática discursiva e política. Ela examina o papel das imagens de guerra e sofrimento na formação da opinião pública e na mobilização da empatia, argumentando que o fotojornalismo não apenas documenta, mas também molda o imaginário social. Para a autora, essas imagens atuam como artefatos morais e históricos, e sua circulação é inseparável do contexto de poder e recepção.
8. **Joan Fontcuberta (2010):** Em *A câmara de Pandora*, Fontcuberta problematiza o mito da objetividade fotográfica e alerta para a manipulação das imagens no contexto da pós-fotografia. Embora não defina o fotojornalismo como gênero, reconhece sua relevância histórica e simbólica, e sua crise atual como parte das transformações das tecnologias de representação.
9. **Dulcília Buitoni (2012):** Na obra *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*, Buitoni entende a fotografia como uma linguagem jornalística com função expressiva, simbólica e informativa. No entanto, ela não a classifica formalmente como um gênero jornalístico, mas sua análise reconhece o papel autônomo da imagem na construção da informação jornalística.
10. **Ariella Azoulay (2008; 2012):** Azoulay propõe o conceito de “contrato civil da fotografia”, em que a imagem jornalística estabelece uma relação ética entre fotógrafo, fotografado e espectador. Ela não classifica o fotojornalismo como gênero, mas enfatiza seu papel político e discursivo como meio de exposição e construção da memória pública, fortalecendo sua função social no jornalismo.
11. **Márcia Boroski (2020):** Em *Fotojornalismo: técnicas e linguagens*, Boroski reforça o entendimento do fotojornalismo como gênero narrativo visual, ao mesmo tempo técnico e discursivo. A autora destaca a linguagem da imagem e sua construção

simbólica e informativa como fundamentos para a legitimação do fotojornalismo como prática jornalística com identidade própria.

12. **Agda Aquino (2021):** Em sua tese de doutorado, Aquino denuncia a marginalização do ensino de fotografia nos cursos de Jornalismo no Brasil, afirmando que o fotojornalismo é frequentemente relegado a uma posição técnica e periférica. Ela defende a valorização dessa linguagem como componente essencial na formação crítica e epistemológica do jornalista, sustentando seu reconhecimento como prática jornalística estruturante.

Gêneros Jornalísticos: Visões Tradicionais e Expandidas

O debate sobre os gêneros jornalísticos é central para a compreensão das práticas discursivas no jornalismo e para uma proposição consistente do reconhecimento do fotojornalismo entre eles. Historicamente, autores brasileiros como José Marques de Melo (2003), Luiz Beltrão (1980) e Nilson Lage (2001) propuseram classificações baseadas em categorias textuais, estruturando os gêneros em informativos, opinativos e interpretativos. Essas abordagens privilegiam a linguagem verbal escrita, muitas vezes desconsiderando outras linguagens presentes no jornalismo contemporâneo. Isso vai na contramão das atuações profissionais de jornalismo hoje, tomando como base a pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro (2021), que elencou a fotografia como uma das três atividades mais executadas pelos jornalistas em atuação e apontou para uma tendência de aumento desse índice.

Com o avanço dos estudos sobre visualidades e narrativas imagéticas, surgem autores que ampliam essa concepção, reconhecendo a existência de gêneros jornalísticos visuais, como o fotojornalismo. Pesquisadoras como Virginia Fonseca (2002), Márcia Boroski (2020) e Jorge Pedro Sousa (2002) defendem que o fotojornalismo possui estrutura narrativa, intencionalidade e função informativa, sendo, portanto, legítimo como gênero jornalístico. Essas visões contribuem para o reposicionamento epistemológico do jornalismo visual no campo acadêmico e na prática profissional.

Partindo desses dados, três dimensões foram analisadas aqui: (1) a presença do fotojornalismo em fluxogramas de cursos de Jornalismo no Brasil, mesmo que em uma pequena amostra; (2) a produção acadêmica sobre o tema nos anais da Intercom (última década); e (3) as propostas conceituais contemporâneas sobre fotojornalismo como gênero.

1. Currículos dos cursos superiores de jornalismo: Foram observados fluxogramas de universidades públicas e privadas. Na PUC-Rio, a fotografia aparece como disciplina optativa. Na UFRJ, existe uma disciplina chamada “Fotografia e Jornalismo”, mas ela não é obrigatória em todos os percursos ou trilhas. Em contraste, cursos como o da UFPB e da UFSC mantêm a fotografia como componente obrigatório, inclusive com ênfase em fotojornalismo. Porém, nos anais do Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo de 2025³, em especial no GT de Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, foram divulgados vários outros Projetos Pedagógicos de cursos de jornalismo do Brasil criados após as atuais DCNs de 2013 que posicionam o fotojornalismo em um lugar menor ou, ainda, o excluem das propostas pedagógicas para a formação desses profissionais.

2. Produção nos anais da Intercom (2010–2023): Identificaram-se diversos trabalhos que abordam o fotojornalismo como linguagem, mas apenas alguns o discutem como gênero. Destacam-se os trabalhos apresentados no período de 2009 e 2010 que tratam da fotorreportagem como narrativa visual autônoma, exatamente no período da queda da obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão. Também é possível identificar o crescimento da abordagem multimodal e do jornalismo de imagens nos Grupos de Pesquisa de Jornalismo e de Fotografia.

3. Conceituação contemporânea: Autores como Fonseca (2002), Sousa (2002) e Boroski (2020) defendem explicitamente o fotojornalismo como gênero. Já Dubois (1993), Sontag (2003), Azoulay (2008; 2012) e Fontcuberta (2010) fornecem arcabouço crítico e filosófico que reforça o papel discursivo, ético e simbólico da fotografia jornalística, mesmo sem recorrer à classificação formal. A tabela a seguir apresenta os principais autores que discutem os gêneros jornalísticos e sua relação com o fotojornalismo, organizados em ordem cronológica da primeira publicação de suas obras de referência. Entre parênteses, após o nome do autor, estão indicados o ano da primeira edição da obra e o ano da edição utilizada neste trabalho. Essa sistematização tem o objetivo de colaborar com uma compreensão ampla no fenômeno analisado.

³ Disponível em: <https://proceedings.science/enejor-2025?lang=pt-br>. Acesso em: 12 de junho de 2025.

Figura 1 - Tabela de autores e suas compreensões sobre o fotojornalismo enquanto gênero.

Fonte: Autoria própria

Autor(a) (Ano original - Ano citado)	Concepção de gênero jornalístico	Fotojornalismo como gênero?
Boris Kossoy (1979-2001)	Compreende a fotografia jornalística como documento histórico, expressão simbólica e mediação do real. Destaca sua função como linguagem crítica e como parte da memória coletiva	Não o classifica formalmente como gênero jornalístico, mas reconhece sua relevância discursiva e social.
Luiz Beltrão (1980-1980)	Classificação dos gêneros com base na função comunicativa textual	Não reconhece
Philippe Dubois (1983-1993)	Fotografia como ato de enunciação com valor comunicacional	Contribui para visão discursiva da imagem
Vilém Flusser (1985-1985)	Fotografia como imagem técnica e linguagem codificada	Indiretamente reconhece sua autonomia discursiva
Nilson Lage (2001-2001)	Gêneros definidos por estrutura verbal e função jornalística	Não reconhece
Virginia Fonseca (2002-2002)	Fotojornalismo como gênero visual com intencionalidade narrativa	Sim
Jorge Pedro Sousa (2002-2002)	Defende fotojornalismo como narrativa visual autônoma	Sim
José Marques de Melo (2003-2003)	Classificação tradicional em informativo, opinativo e interpretativo	Não reconhece
Susan Sontag (2003-2003)	Imagem como dispositivo ético e narrativo da dor e da memória	Reforça função simbólica do fotojornalismo
Ariella Azoulay (2008/2012-2008/2012)	Fotografia como contrato civil e testemunho político	Defende papel ético da imagem jornalística
Joan Fontcuberta (2010-2010)	Crítica à pós-fotografia e à manipulação digital; reforça crise do real	Questiona fronteiras entre imagem e documento
Dulcília Buitoni (2012 -2012)	Compreende a fotografia como linguagem jornalística expressiva e informativa e enfatiza sua função de complementar e ampliar a narrativa textual jornalística.	reconhece sua relevância comunicacional, mas não o inclui como gênero autônomo.
Márcia Boroski (2020-2020)	Fotojornalismo como linguagem técnica e narrativa própria	Sim
Agda Aquino (2021-2021)	Reconhece sua legitimidade como prática discursiva essencial na formação do jornalista	Sim

É possível constatar, dentre outras coisas, a instabilidade conceitual sobre o reconhecimento do fotojornalismo como um gênero jornalístico independente. Também identificamos que os autores trazidos para este trabalho que não incluem a fotografia como um gênero do jornalismo são justamente aqueles que não abordam nenhum gênero visual em suas listas, ou seja, aqueles que têm uma compreensão do jornalista apenas como um “intelectual do texto”, como Aquino (2021) encontrou em suas pesquisas nos documentos históricos da formalização da profissão e do ensino de jornalismo no Brasil.

São eles: Beltrão (1980), Lage (2001) e Marques de Melo (2003). Por outro lado, os autores que versam mais especificamente sobre a fotografia no contexto jornalístico são os que mais reconhecem o gênero fotojornalismo, seja por compreenderem a linguagem em maior profundidade do que aqueles que lidam exclusivamente com o texto jornalístico, por ser algo natural para quem trabalha no campo ou mesmo por posicionamento político/ideológico. Nesta categoria fazem parte Fonseca (2002), Sousa (2002), Boroski (2020) e Aquino (2021).

Mesmo aqueles autores da fotografia que não nomeiam o fotojornalismo como gênero, indicam uma possibilidade de compreensão do mesmo como tal, a exemplo de Flusser (1985), para quem a linguagem codificada da fotografia imprime nela características únicas; Buitoni (2012), que apesar de não fazer a afirmação do fotojornalismo enquanto gênero, o reconhece como linguagem jornalística ou Kossoy (2001), que não se preocupa em conceituação de gêneros e para quem a fotografia jornalística é documento histórico, expressão simbólica e mediação do real.

Essa diversidade conceitual pode ser um indício da fragilidade do processo de reconhecimento do fotojornalismo enquanto gênero jornalístico no meio como um todo. A forte presença da afirmação da linguagem fotográfica como um gênero jornalístico no nicho dos autores e autoras do campo específico pode demonstrar também uma falta de interlocução com outros núcleos de pensamento sobre o jornalismo. Porém também demonstra o campo da fotografia como um lugar de reflexão contínua e de aprofundamento constante em seus temas, a exemplo do fotojornalismo.

Considerações finais

O presente estudo confirma a existência de um deslocamento teórico e prático na forma como o fotojornalismo é percebido no campo da comunicação. Embora ainda esteja ausente das classificações clássicas de gêneros jornalísticos, cresce seu reconhecimento como linguagem narrativa, estruturada e autônoma, com potencial para ser legitimada como gênero jornalístico visual, desde que em diálogo com outras abordagens e núcleos de pensamento sobre o jornalismo, em especial aqueles que conceitual os gêneros da profissão.

Esse reconhecimento é urgente não apenas em termos acadêmicos, mas também curriculares e profissionais. A marginalização da fotografia nos projetos pedagógicos empobrece a formação jornalística ao ignorar a centralidade da imagem na mediação

contemporânea do real. As escolas de jornalismo devem combater visões reducionistas, como a crença de que a inteligência artificial substituirá a prática profissional do fotojornalismo — temor que, embora compreensível, ignora a natureza indicial da fotografia no jornalismo. Como argumenta Alecrim (2023), “a IA pode gerar imagens, mas não pode ocupar o lugar da imagem como prova social da presença [...]”. A fotografia continua sendo, como indicava Flusser (1985), uma imagem técnica que opera como registro sensível do mundo visível.

Meditich (2003; 2020–2023) propõe uma pedagogia crítica do jornalismo, integrando teoria, prática e múltiplas linguagens. A exclusão do fotojornalismo compromete, portanto, a formação integral e multimodal dos futuros jornalistas. Reconhecê-lo como gênero pode fortalecer a profissão ao ampliar o espaço para práticas narrativas visuais, como a fotorreportagem, a fotografia documental e os webstories, além de outros formatos emergentes e inovadores que possam surgir, no mesmo patamar dos gêneros textuais tradicionais.

Tratar o fotojornalismo como gênero pode ser uma estratégia de resistência frente à precarização da profissão e à desinformação, valorizando saberes específicos, práticas éticas e imagens comprometidas com a realidade. Fortalece-se, assim, a credibilidade jornalística e o papel social do jornalismo como serviço essencial à democracia. O *status* do fotojornalismo como gênero também pode ser compreendido como uma estratégia de resistência da profissão frente à precarização do trabalho – ao fortalecer a ideia de um saber específico e de uma atuação que deve ser reconhecida e remunerada; à desinformação – através de mecanismos de valorização de imagens fotográficas dos acontecimentos em detrimento daquelas que circulam sem critérios em redes sociais; do fortalecimento da credibilidade jornalística e do jornalismo como um serviço à população e essencial nas democracias.

Referências

ALECRIM, Ivan. *O fotojornalismo no tempo das imagens geradas por inteligência artificial: linguagem, autoria e mediação jornalística*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. *Uma arqueologia do discurso sobre o ensino de fotografia no bacharelado em jornalismo no Brasil: o status marginal do fotojornalismo*. 2021. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

AZOULAY, Ariella. *The Civil Contract of Photography*. New York: Zone Books, 2008.

AZOULAY, Ariella. *The Civil Imagination: A Political Ontology of Photography*. London: Verso, 2012.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BOROSKI, Márcia. *Fotojornalismo: técnicas e linguagens*. São Paulo: Contexto, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo. Brasília: MEC/CNE, 2013.

BUITONI, Dulcília. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2012.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução de Eliana Aguiar. Campinas: Papirus, 2014.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados: comunicações de massa e teorias da cultura de massa*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.

FONCUBERTA, Joan. *A câmara de Pandora: a fotografia após a fotografia*. São Paulo: GG Brasil, 2010.

FONSECA, Virginia de Almeida. *O fotojornalismo como gênero jornalístico*. Intexto, Porto Alegre, n. 7, p. 1–10, 2002.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. *Jornalismo: ensino e pesquisa*. Florianópolis: Insular, 2003.

MEDITSCH, Eduardo (org.). *Série Ensino de Jornalismo*. E-books publicados pela Intercom. São Paulo: Intercom, 2020–2023. Disponível em: <https://portalintercom.org.br>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MELO, José Marques de. *Gêneros jornalísticos: teoria, prática e pesquisa*. São Paulo: Paulus, 2003.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Fotojornalismo: gênese, evolução e actualidade do conceito*. Braga: Universidade do Minho, 2002.